EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE: APONTAMENTOS A RESPEITO DE IDENTIFICAÇÕES JUVENIS

IN SEARCH OF AN IDENTITY: APOINTMENTS ABOUT YOUTH IDENTIFICACIONS

Tiago de Jesus Vieira[1]

Resumo

Este trabalho tem por finalidade trazer alguns apontamentos acerca dos estudos sobre identidades juvenis, procurando atentar-se nos aspectos relacionado às identificações. Nesta tarefa de demonstrar o quão complexo pode ser a trama das identidades, será utilizada com o intuito de exemplificar a experiência do personagem - criado pela banda de (punkrock/ hardcore) Gritando HC -, Severino que aos 17 anos, analfabeto, acabara de chegar a São Paulo, para enfrentar na pele todos os problemas do complexo jogo das identidades.

Palavras-chave: Identificação; Juventude; História

Abstract

This work aims to bring some notes about the studies on youth identities, trying to look at issues related to identification. In this task of demonstrating how complex may be the plot of the identities will be used in order to exemplify the experience of the character - created by the band (punkrock / hardcore) Screaming HC - Severino who at 17 had just arrived in illiterate Sao Paulo, to face all the problems in the skin of the complex set of identities.

Keywords: Identification; youth; history

1 Mestrando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso

Meu nome é Severino
Vim de pau-de-arara
Norte do país
Pra trabalhar de pião
Meu pai, minha mãe
E meus doze irmãos[2].

Chegando na periferia de São Paulo
Foi que tudo aconteceu
Aos dezessete e analfabeto
Com endereço de um primo meu
Zé Maria era traficante
Tinha muitos inimigos
E daqui saiu
Mamãe, é meu primeiro salário
Tô mandando o dinheiro
Que a senhora pediu
Morro num quartinho muito apertado
Com Genival, pernambucano
E não importa de onde veio
Chegou em São Paulo, é tudo baiano
Tive que deixar o sertão
Pois me levaram o pedacinho de terra
Fiquei muito avechado
Pois minha mãe, só tem agora a casinha dela
Na cidade fui explorado
Mas deu pra me alfabetizar
Queria ter tido a chance
De ter ficado lá.

Nos dias atuais, parece indiscutível que a juventude se tornou a faixa etária privilegiada da vida das pessoas, da qual mais cedo se quer entrar, e nunca se quer sair. Os motivos que levaram a este forte sentimento de pertencimento a faixa etária, podem ser enquadrados dentre uma série de transformações sociais, que o historiador Eric Hobsbawm sintetizou como a revolução social do século XX (HOBSBAWM, 1995, p.282 - 313). Neste período, a difusão daquilo que se convencionou chamar de indústria cultural,

2 Extraído de: GRITANTO HC. Severino. Interprete: Gritando HC. In: Gritando HC. **Ande de skate e destrua**. São Paulo, 2000. faixa 03. 1 CD.

passou a colocar o jovem cada vez mais, no centro da esfera mercadológica, devido a valorização de alguns elementos, tais como espontaneidade e força física, que fizeram do jovem uma espécie de herói do século XX.

Entretanto, se por um lado houve uma grande difusão da noção de juventude estimulada pelos veículos de comunicação em massa, por outro lado esta valorização demorou a ganhar "corpo" no que tange os estudos em ciências humanas. Os primeiros estudos destinados a uma análise social da juventude, geralmente caracterizavam como um período problema que mereceria atenção apenas quando esta representasse "uma ameaça de ruptura com a continuidade social"(ABRAMO, 1997, p.27). Segundo a socióloga Helena Wendel Abramo, o conceito de juventude que fora mais difundido na sociologia é profundamente baseado na esfera funcionalista, que constituiu a juventude como "categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização", uma espécie de período de crise pelo qual o indivíduo precisa passar para se tornar um bom adulto.

Em contrapartida a este modelo de investigação, alguns trabalhos procuraram evidenciar que o período compreendido como a juventude que seria uma fase tipicamente problemática, da qual se necessita passar para chegar à vida de adulto responsável, não passa de uma invenção historicamente recente. O historiador Philippe Ariés destaca que nem sempre houve uma definição nítida das fases de vida do ser humano, uma vez que "a duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se" (ARIÉS, 1981, p.10). Logo que a criança adquiria o menor sinal de desembaraço físico, era misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. "De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude", categoria esta que só tem seu reconhecimento a partir do

século XX, quando começa a haver a "consciência de juventude", que só se tornou um fenômeno geral após a Grande Guerra de 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda. A consciência da juventude começou como um sentimento comum dos ex-combatentes em todos os países beligerantes.

Já a valorização da juventude, por meio da produção do capital simbólico que exalta as múltiplas vantagens de ser jovem, só passa a ser algo comum a partir da segunda metade do século XX, é neste período que a faixa etária que compreende a juventude começa a passar por uma grande dilatação. Como exemplo disto, Beatriz Sarlo destaca que "a infância quase desapareceu, encurralada por uma adolescência precocíssima. A primeira juventude se prolonga até depois dos 30 anos. Um terço da vida se desenvolve sob o rótulo de juventude". Exemplo claro desse alargamento da condição juvenil é que "em 1900, a mulher imigrante que já tinha dois filhos não se considerava tão jovem aos 17 anos; seu marido, dez anos mais velho, era um homem maduro" (SARLO, 2004, p.36).

A abordagem funcionalista – que geralmente compreendia a juventude como uma categoria estritamente problemática, como o ponto de transição para a vida adulta "responsável" – ditava as abordagens dos estudos acerca da juventude até meados da década de 1980. Entretanto, a partir de finais desta década, e, sobretudo a partir da década de 1990, os estudos juvenis passaram a sofrer uma transformação, quando os estudos da ordem das "identidades" passam a ser cada vez mais frequentes no bojo das universidades. A expansão dos estudos sobre identidades, por sua vez encontrou na juventude um fecundo território de investigações. Entretanto, por mais feliz que possa ter sido este casamento, ainda se faz necessário uma explanação mais bem detalhada afim de deixar um pouco mais inteligível esta junção. E com este objetivo se fará uso da música Severino – exposta

acima como epigrafe – da banda (de *punkrock/ hardcore*) Gritando HC.

Embora Severino não passe de um personagem cuja existência se limita ao campo musical, seu nome é bastante representativo assim como suas experiências também são, porque permite estabelecer interrelação com os outros muitos "Severinos" que passaram pela mesma situação do personagem, de não ter tido a chance de permanecer no norte/nordeste[3], e vislumbraram na migração para o sudeste, como à única possibilidade de garantir um futuro melhor para si e para seus familiares. Mas, em que sentido Severino pode ser útil para estabelecer reflexões no que diz respeito às identidades juvenis?

Philippe Ariés destaca que o surgimento da instituição escolar, foi determinante para a consolidação do que compreendemos hoje como juventude, pois a vida escolar além de agrupar os alunos nas mesmas faixas etárias, também criou um espaço especifico para a sociabilização. Mas, Severino é analfabeto e não teve a oportunidade de frequentar um colégio. Além disto, fora pontuado que durante o século XX houve uma forte valorização da juventude, e consequentemente um alargamento desta faixa etária. Reflexo disto é fato de que hoje não se tem dúvida que um indivíduo aos 17 anos, é uma pessoa bastante jovem, ao contrário do que se pensava da mulher de mesma idade no início do referido século. Entretanto, Severino mesmo sendo um sujeito com a mesma idade e dos tempos atuais, provavelmente não saberia informar se é ou não um jovem, uma vez que este não pode desfrutar dos benefícios deste alargamento da condição juvenil, pois nesta idade já fora incumbido de todas as responsabilidades da vida adulta. Teve que ir para São Paulo ganhar a vida, e ajudar sua família que deixou pra trás.

3 Durante o século XX, existia uma grande confusão entre os migrantes do nordeste do país, que se referiam a esta região como norte. Uma vez que o nordeste é uma invenção da primeira metade do referido século. Sobre esta questão *cf.* ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de: **Nos destinos de fronteira**: História, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

Este primeiro contato com Severino, não têm a finalidade de demonstrar que ele não é um jovem, e sim mostrar um importante ponto pelo qual os estudos sobre identidades devem se atentar já que muito se pontua sobre as identidades na pós-modernidade (HALL, 2005), na qual um sujeito de acordo com sua conveniência pode assumir múltiplas identidades durante um mesmo dia.

Entretanto, mais importante que demonstrar esse horizonte de possibilidades quanto à escolha de uma identidade, é atentar-se para as pessoas que tiveram negado o livre acesso as identidades, e foram destinadas a uma "subclasse" como pontua Zygmunt Bauman:

> Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis) qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada *a priori.* O significado da "identidade da subclasse" é a *ausência de identidade*, a abolição ou negação da individualidade, do "rosto"- esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas confirmadas ou refutadas. (BAUMAN, 2005, p.46)

Sobre esta questão, é valido lembrar que a palavra identidade deriva do latim *idem* (idêntico), que por sua vez remete *aequalitas* (uniformidade/ mar sereno) que incide em acreditar que toda identidade esta relacionada a este sentimento de idêntico ao seu par este processo que é compreendido como normatização. Desta forma, "normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade especifica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas

e hierarquizadas", segundo Tomaz Tadeu da Silva "fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças", que por sua vez "significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de outra forma" (SILVA, 2009, p.83).

Aqueles que têm o direito negado à maioria das identidades, são justamente aqueles que não se enquadram numa normativa, como o mendigo, o viciado e o analfabeto como Severino. Pois, posturas estigmatizadas pela sociedade, geralmente são postas à parte, para não gerar uma turbulência no "mar sereno" das identidades. Isto ocorre porque as identidades são constituídas a partir de práticas relacionais, que se pautam em encontrar aqueles que pertencem e aqueles que não pertencem a um grupo. Neste sentido, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2008, p.89-90) destaca a importância deste processo de identificação das alteridades, na constituição de uma dada identidade. Entretanto, se por um lado, multiplicaram-se os trabalhos acerca das identidades, por outro lado, ainda se faz necessário uma maior compreensão sobre os processos de identificação.

Primeiramente, cabe destacar que a identificação não é um processo unilateral, no qual apenas os que assumem uma identidade as produzem. Esta questão é um pouco mais complexa, pois todas as pessoas estão sujeitas ao jogo das identificações, na medida em que estas podem ser produzidas de forma centrípeta (de fora pra dentro) e centrífuga (de dentro pra fora). A fim de exemplificar de forma mais detalhada, cabe recorrer novamente à experiência trazida pela música Severino.

Logo quando chega a São Paulo, Severino primeiramente procura seu primo Zé Maria (traficante) que tinha muitos inimigos e fora obrigado a sair. Coube a Severino ter que dividir um quartinho – muito apertado – com Genival que mesmo sendo pernambucano era chamado

de baiano, que segundo a música se trata de uma prática muito comum – "não importa da onde veio chegou em São Paulo é tudo baiano" – pode ser encontrado uma forma de identificação centrípeta, pois foi produzida de fora destinada a alguém. Este tipo de identificação produzida de fora, geralmente, tem por finalidade marcar a diferença entre indivíduos ou grupos, através de elementos pejorativos. Sendo que aqueles que não se enquadram numa certa normativa social são as principais vítimas deste tipo de identificação. Sobre esta questão Kathryn Woodward destaca que:

> As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (WOODWARD, 2009, p.39-40)

No caso de Severino e Genivaldo que vieram de fora para "ganhar a vida" em São Paulo, mesmo não querendo assumir a identidade de baiano, pouco se pode fazer, pois esta está posta de fora para o indivíduo. Zigmunt Bauman destaca, neste sentido, que "as 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas" (BAUMAN, 2005, p.19).

Resta, portanto a Severino e Genilvaldo, assimilar esta identificação estereotipada produzida de fora, transformando-a em identidade. Sendo esta uma primeira alternativa muito recorrente, devido ao frequente anseio das pessoas por uma identidade na qual possam se

agarrar. Neste sentido, Michel Certeau destaca que mesmo existindo um sofrimento de ser escrito pela lei de um determinado grupo, este sentimento estranhamente vem acompanhado de um prazer, por "ser reconhecido (mas não se sabe por quem), de se tornar uma palavra identificável e legível numa língua social, de ser mudado em fragmento de um texto anônimo, de ser inscrito numa simbólica sem dono e sem autor" (CERTEAU, 1994, p.232). Além disto, assumir uma identidade pejorativa e que não era sua, como o caso do pernambucano que se torna baiano em São Paulo, torna-se por vezes a única alternativa, pois o "anseio por identidade vem do desejo de segurança", que por sua vez é um sentimento ambíguo:

> Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, pertubadoramente, "nem-um-nem-outro", torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época liquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, "estar fixo" – ser "identificado" de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, 2005, p.35)

Pode se evidenciar a existência de uma necessidade por assumir uma identidade, em circunstância do desejo de segurança pessoal, ocasionada pelo sentimento de pertencimento a um grupo. Mas, esta segurança que a identidade proporciona não encontra na contemporaneidade espaço para uma solidez, de uma única identidade fixa e inflexível. É recorrente que as pessoas

assumam diversas identidades. Para que o sujeito possa adentrar neste horizonte de "múltiplas identidades", inevitavelmente deve passar mais uma vez pelo processo de identificação. Porém, desta vez a identificação[4] tem ação centrífuga, pois é produzida pelas pessoas que já estão inseridas dentro de uma dada identidade (grupo), e são lançadas em direção ao exterior (outros), com intuito de gerar a assimilação, que geralmente ocorre através de uma sensação de pertencimento àquilo que fora posto, ou seja, quando o indivíduo passa a identificar-se com a identidade. Os elementos que levam o sujeito a aceitar este tipo de identificação geralmente estão relacionados a aspectos valorativos desta identidade.

Esse processo de criação de elementos valorativos que levam os outros a se identificar, não deixa de ser um ato de normatizar uma identidade. Retomando o exemplo de Severino, são praticamente nulos os grupos capazes de criarem um capital simbólico valorativo do ser jovem analfabeto nos dias de hoje. Porém, nem tudo parece estar perdido, pois ainda resta a Severino a possibilidade de assimilar outro tipo de identidade, ligada aos grupos de estilo[5], estes que por sua vez se distinguem dos grupos mais "tradicionais", pelo modo de identificação ao grupo. Cabe destacar, que um dos grandes avanços no que tange os estudos acerca dos estudos de identidades juvenis foi à compreensão

4 Este tipo de identificação descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades, tem sua origem na psicanálise. [...] O conceito de identificação tem sido retomado, nos Estudos Culturais, mais especificamente na teoria do cinema, para explicar a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem na tela. Sobre esta questão *cf*. WOODWARD, Kathryn; *op.cit*., p.18.

5 A respeito desta questão *cf*. KEMP, Kenia – **Grupos de Estilo Jovens:** o "Rock Underground" e as práticas(contra) culturais dos grupos "punks" e "trashs" em São Paulo – (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

da existência destes grupos de estilo, na qual à assimilação da identidade se da pela absorção de bens culturais – por vezes produzidos pela indústria cultural –, como a música e a moda. Outra característica destes grupos é a facilidade em transpor a relação local/global, uma vez que alguns podem ser encontrados em praticamente todo o mundo, como por exemplo, *skinheads, punks* e mais recentemente grupos *hip hop*.

Se por um lado a identificação para com estes grupos de estilo pode ocorrer com maior frequência devido à facilidade em especial da música de transpor fronteiras, por outro lado, também se valem da utilização de um capital simbólico que valorize a existência do grupo, por exemplo: O *skinhead* (careca) é aquele que "anda de cabeça erguida, pois não dá motivo nenhum para ser preso pela polícia, o que não se mete em roubos ou armas" (COSTA, 2000, p.202); o *punk* é aquele que levanta o seu cabelo moicano quando vai para luta contra o sistema que não lhe deu oportunidade e o deixou marginalizado. Entretanto, se existe a produção de uma valorização do grupo, capaz de gerar uma adesão/identificação de outras pessoas, também existe a produção de uma alteridade, que significa marcar a diferença para com o outro, ou seja, aqueles que não possuem as qualidades para partilhar da mesma identidade, por exemplo: O *skinhead* (careca) é aquele que não tem relações de alteridade para com negros, homossexuais, nordestinos e *punks*; o *punk* por sua vez se vê diferente da dita sociedade "burguesa" e dos *skinheads*.

A essa altura, devido à exploração e discriminação, Severino já pode compreender muito bem do como se estabelecem estas relações de alteridade para com o analfabeto e nortista/nordestino[6]. E Severino que até então tivera acesso

6 Stuart Hall, (*op. cit.*) pontua que dentro da atual complexidade da trama de identidades, é cada vez mais comum à existência de grupos que busquem reconstruir identidades purificadas, que procuram restaurar a coesão, através do fechamento de fronteiras, evitando a fusão entre diferentes tradições culturais.

negado a tudo, característico de uma pessoa na sua faixa etária, encontra na música algo no qual realmente poderia se identificar. Desta forma, uma análise simples da estrutura da música que narra à história de Severino permite constatar que a existência de dois tempos distintos na música, antes e depois do grito de hardcore, na primeira parte é possível notar um tom desanimado e de descrença. Já naquilo que pode ser caracterizado como segundo tempo da música, além de haver uma mudança no ritmo, o refrão cantado em primeira pessoa demonstra a revolta que está sendo posta pra fora.

Portanto, mesmo que o estilo musical produzido pela banda Gritando HC não seja aquele com o qual Severino tivera contato anteriormente, os versos da música revelam os problemas das pessoas que sofrem discriminação e são excluídas dos benefícios sociais, aliado ao ritmo da revolta juvenil punkrock/hardcore, permite que Severino finalmente possa se identificar com algum grupo. Isto se dá, pois, "verso e música são as expressões de arte mais próximas do analfabeto. Conjugados assumem um poder de comunicação que fura a sensibilidade mais dura" (MORAES, 2000, p. 204). Mais importante que isso, é o fato de que Severino agora finalmente pode assumir a identidade que lhe fora negada anteriormente, a de jovem.

A utilização do exemplo de um sujeito hipotético como Severino, pode ser por vezes incompreendida dentro do circuito acadêmico. Mas, Severino ajuda a responder uma pergunta, muito corriqueira nos trabalhos que exploram identidades juvenis: por que as pessoas são levadas a assumir uma determinada identidade? No seu caso "o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se de inventar e reinventar a sua própria história" (BAUMAN, 2005, p.13). E antes que seja perguntado se Severino, tornou-se um *punk*. Cabe responder que não se tornou punk, a sociedade lhe transformou em um.

Referencias Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n, 5, 1997.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de: **Nos destinos de fronteira**: História, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 2ª ed. Tradução Epharaim Ferreira Alves.. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio**: caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: Ed. Musa, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** 10. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWM, Eric. A revolução social 1945 - 90. In: HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: breve história do século XX 1914 – 1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 282 - 313

KEMP, Kenia – **Grupos de Estilo Jovens:** o "Rock Underground" e as práticas(contra) culturais dos grupos "punks" e "trashs" em São Paulo – (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e

música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203-221. 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2º ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. trad. Sérgio Alcides, 3. ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.73-110.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 7 – 72.